
QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO:
Literatura Afro-Brasileira na Educação Infantil

THOSE TELL A STORY, INCREASES A POINT:
Afro-Brazilian Literature in Early Childhood Education

LOS QUE CUENTA UNA HISTORIA, AUMENTA UN PUNTO:
Literatura afrobrasileña en la Educación Infantil

Aline dos Santos Matos

Graduada em Pedagogia pela FVC
liumatos@hotmail.com

Joelma da Conceição Lopes Sousa

Graduada em Pedagogia pela FVC
sousajoelma@yahoo.com.br

Jurandir de Almeida Araújo

Doutorando em Educação pela UFBA
juran-araujo@hotmail.com

Recebido em: 28/01/2022

Aceito para publicação: 22/03/2022

Resumo

É objetivo deste artigo analisar as contribuições em se trabalhar a literatura afro-brasileira no contexto da Educação Infantil. Metodologicamente ancorado na pesquisa de campo de abordagem qualitativa, e como principais bases teóricas os estudos de Mariosa e Reis (2011), Silva (2011) e Araújo e Moraes (2014), que pontuam a ausência ou pouca visibilidade dessa literatura no currículo escolar e no cotidiano escolar da Educação Infantil. O estudo, em linhas gerais, evidenciou que o trabalho com a referida literatura na sala de aula da educação infantil contribui expressivamente para a construção de uma autoestima e identidade étnica positiva das crianças negras, assim como para o respeito e valorização da diversidade étnico-racial do povo brasileiro e da humanidade, socialização e processo de ensino aprendizagem das crianças em sua pluralidade e singularidade.

Palavras-chave: Literatura Infantil Afro-Brasileira, Educação Infantil, Socialização, Ensino Aprendizagem.

Abstract

The aim of this article is to analyze the contributions of working with Afro-Brazilian literature in the context of Early Childhood Education. Methodologically anchored in field research with a qualitative approach, and as main theoretical bases the studies of Mariosa and Reis (2011), Silva (2011) and Araújo and Moraes (2014), which point out the absence or little visibility of this literature in the school curriculum and in the school routine of Early Childhood Education. The study, in general terms, showed that working with the literature in the early childhood education classroom significantly contributes to the construction of a positive self-esteem and ethnic identity of black children, as well as to the respect and appreciation of ethnic-racial diversity of the Brazilian people and humanity, socialization, and the teaching-learning process of children in their plurality and singularity.

Keywords: Afro-Brazilian Children's Literature, Early Childhood Education, Socialization, Teaching and Learning.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar las contribuciones del trabajo con la literatura afrobrasileña en el contexto de la Educación Infantil. Metodológicamente anclada en la investigación de campo con abordaje cualitativo, y como principales bases teóricas los estudios de Mariosa y Reis (2011), Silva (2011) y Araújo y Moraes (2014), que señalan la ausencia o poca visibilidad de esta literatura en el currículo escolar y en la rutina escolar de Educación Infantil. El estudio, en términos generales, evidenció que el trabajo con la literatura mencionada en el aula de educación infantil contribuye significativamente a la construcción de una autoestima e identidad étnica positiva de los niños negros, así como al respeto y valorización de la identidad étnico-racial, diversidad del pueblo brasileño y de la humanidad, la socialización y el proceso de enseñanza-aprendizaje de los niños en su pluralidad y singularidad.

Palabras clave: Literatura Infantil Afrobrasileña, Educación Infantil, Socialización, Enseñanza y Aprendizaje.

Introdução

As instituições de ensino, enquanto espaços de estímulo as manifestações do pensamento e de reflexões que leva à formação de cidadãos e cidadãs plenos, precisam contemplar no currículo e nas atividades pedagógicas cotidianas de sala de aula a temática da diversidade étnica que compõe a sociedade brasileira e a humanidade e, por conseguinte, presente no ambiente escolar. Acreditamos que a escola, que se pensa democrática, inclusiva e livre de discriminação e preconceito de qualquer natureza, precisa estar atenta as diferentes presenças que interagem em seu espaço.

Nesta perspectiva, compreendemos que o trabalho com a literatura Infantil, em particular a literatura africana e afro-brasileira no contexto escolar da Educação Infantil, foco central deste estudo, faz-se necessária diante da urgência em se promover a temática das diversidades e das diferenças desde a mais tenra idade. Haja visto que essa é uma etapa da educação importante no desenvolvimento intelectual, social, físico e afetivo das crianças pequenas e o trabalho com as literaturas infantis um importante instrumento para desenvolver nelas o gosto e o hábito pela leitura e, por conseguinte, pela escrita. Uma ferramenta, sem dúvida, de grande relevância para o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo, construção identitária e concepção de mundo. Elementos esses, essenciais na formação de cidadãos e cidadãs plenos.

Diante do exposto é que surge a questão problema que norteia este estudo: Como a literatura afro-brasileira contribui no processo de ensino aprendizagem e socialização das crianças pequenas nas instituições de Educação Infantil? Partimos dos pressupostos teóricos de Araújo e Moraes (2014) que afirmam que a referida literatura contribui para a construção da identidade, elevação da autoestima do/a aluno/a negro/a, assim como para a desconstrução de preconceitos, discriminações e atitudes racistas no ambiente escolar e, por conseguinte, na

sociedade em geral. Para a formação de leitores/as críticos/as, reflexivos/as, conscientes do seu papel na sociedade e atuantes no meio social onde estão inseridos/as.

Também da percepção de que as literaturas africanas e afro-brasileira, mesmo com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e culturas africanas e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas da Educação Básica (BRASIL, 2003), ainda não são trabalhadas de forma significativa na maioria das escolas brasileiras. Percebe-se certa resistência e/ou falta de qualificação de partes dos/as profissionais da educação para trabalhar a Educação das e para as Relações Étnico-Raciais (ARAÚJO; MORAIS, 2014). Fato esse por nós vivenciados em algumas escolas da educação infantil do município de Salvador, na Bahia, nas quais observamos a ausência de literatura afro-brasileira ou pouca atenção das professoras para com ela na hora da escolha do conto/história a ser trabalhada com as crianças.

Na busca de resposta para a questão problema que norteia o estudo, traçamos como objetivo geral: analisar as contribuições em se trabalhar a literatura afro-brasileira no contexto da Educação Infantil. Como objetivos específicos: discutir sobre literatura infantil e contação de história na Educação Infantil; refletir sobre a importância de se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira com as crianças pequenas na escola; conhecer a percepção de professoras que atuam na educação infantil e de crianças pequenas acerca da temática em questão.

Metodologicamente, o estudo está ancorado na pesquisa de abordagem qualitativa e tem como principais bases teóricas os estudos de Araújo e Moraes (2014), Mariosa e Reis (2011), Silva (2011), Santana (2006), os/as quais pontuam a ausência ou pouca visibilidade da literatura infantil afro-brasileira no currículo escolar e no cotidiano da sala de aula das instituições de Educação Infantil, entre outros autores e autoras que tratam da temática.

Como procedimento para a coleta de dados foi aplicado questionário, com 13 professoras e 8 crianças da educação infantil, contendo questões mistas (abertas e fechadas). Cabe pontuar que diante do contexto de isolamento social, em decorrência da pandemia de Covid19, foram tomados todos os cuidados recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e órgãos de saúde brasileiros. Assim, enviamos via google forms o questionário para as professoras, as quais responderam e autorizaram o uso das informações para fins acadêmicos/científicos. Utilizamos ainda o WhatsApp para uma breve interlocução com as docentes e convidá-las a participar da pesquisa.

Assim, o estudo teve como interlocutoras 13 professoras que atuam na educação infantil, seis de escolas públicas e sete de escolas privadas, com faixa etária entre 24 e 55 anos de idade.

Nove delas se autodeclararam negras e quatro como pardas, com experiência docente que varia de um a 35 anos. Uma tem apenas o ensino médio com formação em magistérios, a demais todas graduadas em pedagogia, sendo que três possui especialização na área educacional. Nove crianças autodeclaradas negras, cinco meninas e quatro meninos, entre quatro e cinco anos de idades, sendo que cinco frequentam a escola a três anos, três a dois anos e uma há apenas um ano. No entanto, com as crianças tivemos que utilizar de um outro procedimento diferente do utilizado com as professoras para a coleta dos dados. Por serem crianças pequenas, a maioria ainda em processo de alfabetização, optamos por aplicar o questionário presencialmente e de forma oral, porém tomando todos os cuidados éticos, morais e de segurança que a situação requer. Assim, solicitamos aos pais autorização para realizamos a pesquisa com seus filhos/as, cumprindo, desta forma, a orientação da Resolução 196/96 que diz que pesquisa com pessoas menores de idade deve “cumprir as exigências do consentimento esclarecido, através dos representantes legais.” Todas as crianças fazem parte do convívio social das pesquisadoras, e isso facilitou a realização da pesquisa com elas. Cabe destacar que todas as professoras e crianças interlocutoras da pesquisa são moradoras da capital baiana, Salvador.

A arte de contar história na Educação Infantil

Antigamente era algo comum as pessoas se juntarem em redor de uma fogueira para se aquecer, conversar, narrar acontecimentos, contar histórias, ou seja, para contar “causos”, como costumam falar as pessoas mais velhas do nosso convívio familiar e social. Reunidas em família e/ou entre amigos/as narravam casos reais e/ou do imaginário popular que retratavam sobre nossas tradições culturais e, desta forma, transmitiam valores morais, étnicos, tradicionalmente transmitidos de geração para geração. Assim, compreendemos que contar história é uma arte, uma das mais antigas formas de expressão do ser humano, como ressalta Machado (2014).

Hoje, o contar história é algo ainda comum no convívio familiar de muitos/as brasileiros/as, principalmente das crianças pequenas, e em muitas escolas da Educação Infantil uma prática cotidiana. Para Mariosa e Reis (2011, p. 43) “a humanidade tem necessidade de se comunicar e, portanto, de contar histórias. Compartilhar experiências tem significação para todo o grupo.” Portanto, estimular a tradição de contar história, seja no contexto familiar e/ou escolar, é potencializar as crianças pequenas a oportunidade de criar, imaginar, sorrir, sonhar e

até chorar. Contar história é lidar com sentimentos e emoções, contemplar e valorizar as tradições culturais de um povo e, assim, manter viva a memória.

A arte de contar histórias, segundo Machado (2014, p. 07), “ganhou uma conotação maior, como um instrumento no processo educativo, e passou a ser compreendido como uma alternativa positiva na educação infantil.” No entanto, no espaço escolar não é uma ação pedagógica simples, requer técnica e habilidade do/a professor/a contador/a de história. Quem conta história sabe que a criança está conectada pelo olhar e a escuta atenta, muitas vezes se imagina no papel do/a personagem que está sendo personificado/a. Logo, no ambiente escolar, faz-se necessário uma escolha prévia da história a ser contada e planejamento da atividade a ser desenvolvida com os alunos e alunas.

É importante ressaltar que ler um livro qualquer é diferente de contar história, pois contar uma história não depende necessariamente de um livro. Em algumas culturas africanas, por exemplo, o griô (pessoa mais velha da comunidade) era o responsável de contar as histórias. No momento da narrativa todos se reúnem para ouvir, é uma ocasião muito importante. “Ao seu modo, os contadores de histórias mantêm, em sua memória, saberes e fazeres culturais, passados de geração em geração, ensinados de pais para filhos, de avós para netos, de velhos para jovens.” (BUSSOLETTI; VARGAS; PINHEIRO, 2014, p. 06)

A partir da compreensão da importância da contação de história no desenvolvimento pessoal, social, intelectual e afetivo da criança, compartilhamos do pensamento de Santana (2006, p. 35) ao afirmar que:

Independentemente do grupo social e/ou étnico-racial a que atende, é importante que as instituições de Educação Infantil reconheçam o seu papel e função social de atender às necessidades das crianças constituindo-se em espaço de socialização, de convivência entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento, como espaços de cuidar e educar, que permita às crianças explorar o mundo, novas vivências e experiências, ter acesso a diversos materiais como livros, brinquedos, jogos, assim como momento para o lúdico, permitindo uma inserção e uma interação com o mundo e com as pessoas presentes nessa socialização de forma ampla e formadora.

Em consonância com o pensamento da autora supracitada, entendemos que desde o nascimento que a criança já se encontra em processo de construção identitária, daí a necessidade e importância que ela aprenda, desde a mais tenra idade, que as pessoas são diferentes umas das outras, isto é, se perceba parte em meio as diferenças e as diversidades existentes no contexto social onde está inserida, e o ambiente escolar não pode ser indiferente a isso. Assim, defende-se que é preciso apresentar aos/as estudantes da Educação Infantil as suas origens, história dos

seus antepassados (ancestralidade) como as dos outros grupos étnico-raciais e/ou culturais existentes. E, desta forma, estimular o respeito as diversidades e as diferenças.

Compartilhamos também do pensamento de Charles Taylor (1994, p. 58) quando ressalta que “um indivíduo ou um grupo de pessoas pode sofrer um verdadeiro dano, uma autêntica deformação, se a gente ou a sociedade que os rodeiam, lhes mostram como reflexo, uma imagem limitada, degradante, depreciada sobre ele.” Neste sentido, a escola, quando analisa e apresenta a história de um povo, tendo apenas como base os preceitos dos seus opressores/algozes, ou quando trabalha de forma acrítica a sua origem e cultura, isto é, a real formação destes, é o mesmo que se silenciar perante o estado de ignorância em que se encontra parte dos/as envolvidos/as com a ação educativa em relação as diferentes culturas estigmatizadas e consideradas inferiores (ARAÚJO; MORAIS, 2013, 2014). Uma realidade presente na maioria das escolas brasileiras.

Ante o exposto, espera-se que as instituições de ensino ofereçam uma educação que realmente contribua para o desenvolvimento de cidadãos e cidadãs críticos, reflexivos, responsáveis e que se utiliza de diferentes linguagens para se comunicar e trocar conhecimentos/saberes. Seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual, das diferentes formas de expressão humana, as histórias infantis têm papel conceituado no desenvolvimento pleno da criança.

Arelada a arte de contar história na Educação Infantil, a literatura infantil, segundo Araújo e Morais (2014, p. 06):

[...] funciona como importantes meio de socialização, de construção da identidade, de transmissão de valores morais e culturais e na formulação de conceitos e no desenvolvimento cognitivo. Daí a relevância em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira no ambiente educacional, bem como no círculo familiar e outros espaços.

A partir dessa perspectiva, podemos inferir que, para além de uma atividade envolvente, lúdica e educativa, a arte de contar e ouvir histórias no ambiente escolar e fora dele promove a valorização da memória cultural e afetiva de um grupo, de um povo. O contar história abre espaço para a alegria, o prazer de ler, compreender, interpretar a si próprio e ao outro e à realidade onde o/a sujeito está inserido. Proporciona as crianças experiências diversas que envolve diferentes formas de linguagem, expansão do vocabulário, valores éticos e morais, sobretudo, estimula o imaginário. Para Araújo e Morais (2014, p. 06), “a atividade de contar e de recontar história auxilia a criança a desenvolver e reorganizar seus esquemas, e permite que

ela construa seus sentidos enquanto expõe e desenvolve habilidades significativas para o seu desenvolvimento”. Acrescentam ainda que:

O/a professor/a, ao contar uma história, deve envolver a criança e fazê-la identificar-se com os personagens. Pois, ao interagir com a história, a criança passa a despertar emoções como se estivesse vivendo o que ali lhe é narrado, permitindo que, através da imaginação, exercite a capacidade de resolução de situações cotidianas. (ARAÚJO, MORAIS, 2014, p. 05)

A contação de história, portanto, auxilia a criança a entender e expressar seus sentimentos, estimula o desenvolvimento de funções cognitivas, como a relação de tempo e espaço, a comparação, o raciocínio e o pensamento, a concentração e a atenção, habilidades orais de leitura, escrita e temas gerais. Desta forma, motiva o gosto pelo conhecimento, pela literatura e pelo ato de aprender.

A Literatura infantil afro-brasileira na Educação Infantil

No cotidiano da Educação Infantil, a contação de história, segundo Sousa (2011, p. 04), ganha destaque,

[...] por sua facilidade em criar e recriar um universo rico em significado para os pequenos leitores. Este ato de contar história se torna uma etapa da rotina muito esperada pelas crianças, que na circularidade das Rodas de História, ou, “Senta que lá vem História...”, onde se localizam sentadas juntas diante da professora, aguardam ansiosas aquele momento, onde podem se deliciar e inserir o seu próprio significado ao que lhe é contado.

A observação de Sousa, na citação acima, nos permite dizer que contação de história na sala de aula da Educação Infantil é, sem dúvida alguma, uns dos momentos mais aguardado pelas crianças, em que elas costumam se questionar: qual é a história de hoje? O que vai acontecer? Nesse momento que envolve mistério e magia, geralmente, proporciona uma grande conexão entre os/as educandos/as e o/a educador/a. Assim, é importante que o/a professor/a faça um anúncio prévio da história para instigar ainda mais o interesse sobre a narrativa, ficando os/as estudantes curiosos/as e motivados/as a escutar.

Para um bom resultado na contação de histórias o/a educador/a precisa primeiramente ler a história com antecedência para não ser pego de surpresa com situações conflituosas e/ou questões sensíveis de compreensão. Ler atentamente, não se perder ao narrar a história. Após o

conto trazer elementos e recursos que complemente o que foi narrado, por exemplo, uma dramatização, algo que faça referência a história. Muito importante também interpretar os/as personagens e suas falas com expressão facial e corporal, são crianças e precisam de atratividade para concentração. Hoje é muito utilizado músicas para indicar o momento da história, nessa hora elas já sabem que é o tempo de escutar, fazer silêncio.

A escolha dos livros infantis deve ser feita atentando-se a forma com a diversidade étnica é apresentada, descartando as que rotulam e apresentam estereótipos depreciativos da diversidade. A literatura não pode ser usada como um instrumento de reprodução de atitudes e práticas racistas, misóginas, sexistas, entre outras formas de discriminação, mas como uma aliada do/a professor/a no momento de abordar assuntos complexos em qualquer etapa da educação. Um instrumento que promova emoções, potencialize novos vocabulários e amplie a visão de mundo do sujeito, ou seja, para o pensamento crítico, leitura e concepção de mundo mais sensível e humanizada. Os livros de literatura infantil são fundamentais na rotina da educação infantil, como nos chama a atenção Sousa (2018, p. 02):

Neles, estão contidos um mundo de encantamento, que envolve o faz de conta, a arte, a cultura, a linguagem poética, uma gama de possibilidades que permeiam estas páginas. O papel do professor na escolha destes livros é fundamental. Quanto mais riqueza na diversidade literária e ilustrativa deste recurso, maior será a quantidade e a qualidade de conhecimentos adquiridos pelos pequenos leitores.

Dito isso e diante da pluralidade étnico-racial que compõe a sociedade brasileira, é imprescindível que as instituições escolares contemplem no currículo e no cotidiano da sala de aula discussões sobre diversidades e diferenças, a fim de formar cidadãos e cidadãs avessos as intolerâncias e a qualquer forma de discriminação e preconceito. Nessa perspectiva, a escola que se quer inclusiva e os/as profissionais que nela atuam precisam promover e incentivar a leitura de obras literárias diversas, incluindo as literaturas africanas e afro-brasileira desde a Educação Infantil ao Ensino Superior.

Acreditamos que o incentivo à leitura de variadas obras literárias possibilita o leitor ver e compreender o mundo a partir de diferentes perspectivas, com isso a ter um olhar crítico e reflexivo acerca do meio em que está inserido, assim como ampliar seus conhecimentos sobre a diversidade étnica que compõe a sociedade brasileira e a humanidade. E, assim, compreender, respeitar e valorizar as diferenças e as outras culturas diferentes da sua. Desta forma, possibilitar a oportunidade de desconstruir preconceitos na forma de ver e compreender o mundo.

É preciso compreender que trabalhar apenas com os clássicos da literatura infantil, focados na cultura europeia, estaremos negando e silenciado as outras literaturas infantis que trazem outras formas de saberes e experiências culturais. Estaremos também potencializando o sentimento de superioridade nas crianças brancas e de inferioridade nas crianças não brancas. A esse respeito, Mariosa e Reis (2011, p. 42) observam que:

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro.

Daí a importância que a temática das diversidades e das diferenças sejam tratadas cotidianamente em sala de aula, de modo que seja um contributo para a formação da identidade do sujeito e na promoção da igualdade racial, respeito e valorização do eu, do nós e do outro igual ou diferente na forma de ver e entender o mundo que o cerca. Nessa direção, compartilhamos do pensamento de Munanga (2005, p. 16) ao observar que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra [...]. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuem cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

É necessário, portanto, apresentar outras literaturas, não só as das culturas europeia, pois, como pontua Silva (2011, p. 16):

[...] a ideologia do embranquecimento, característica do Estado e de suas instituições, que expande através dos materiais pedagógicos uma imagem estereotipada negativa do negro e uma imagem estereotipada positiva do branco, tendendo a fazer com que o negro se rejeite, não se estime e procure aproximar-se em tudo do branco e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos, estabelecendo dessa forma um processo de fuga de si próprio, dos seus valores e dos seus assemelhados étnicos.

Por conta disso, principalmente por conta dos estereótipos, muitas pessoas negras, inclusive crianças, tem uma autoestima baixa, outras se acham feias, não vislumbram a beleza e a riqueza cultural do povo negro. Com isso, torna-se mais difícil trabalhar a autoestima e a construção da identidade negra positivada, uma vez que lhes é dito o tempo todo que são inferiores aos brancos, e assim acabam por vislumbrar uma estética branca, negando a sua.

É fato que “num país onde a brancura é referencial para tudo” (MUNANGA, 2003, p. 14), como observa Kaly (2011, p. 25), “não é a cor da pele que fere uma criança negra, mas sim o valor, socialmente construído, que confere desprestígio ou nega o acesso ao indivíduo em função da cor da sua pele, textura de seu cabelo e demais conformações fenotípicas.” Ante o exposto, acreditamos e defendemos que o ensino da história e culturas africanas e afro-brasileira no ambiente escolar contribui para a construção da identidade do/a aluno/a negro/a de forma positiva, para a desconstrução do preconceito e enfrentamento a discriminação racial, bem como para a formação de leitores críticos e conscientes do seu papel na sociedade. Nessa direção, Araújo e Morais (2014, p. 03) ressaltam que:

[...] quando as referências das literaturas infantis são semelhantes à da criança, onde está percebe suas características físicas e/ou fenotípicas aparecem nas tramas de forma positiva, contribui expressivamente para o aumento da autoestima, na formação da identidade social e individual, na construção de conceitos e na interação como o outro. Na escola, por exemplo, contribuirá para a criança se sentir mais motivada e inclusa no ambiente escolar e no processo educativo.

Nessa perspectiva, destacamos a importância do trabalho com as literaturas infantis africanas e afro-brasileira no contexto escolar da Educação Infantil. De grande relevância para a valorização, respeito e contemplação da diversidade étnica e cultural dos/as brasileiros/as e da humanidade, uma vez que, como resalta Santana (2006, p. 44):

Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário, favorecer a discriminação quando silencia diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras.

A observação de Santana nos chama a atenção para o que já foi dito, a importância do/a docente ter muito cuidado e sensibilidade na hora de escolher a obra para trabalhar com as crianças, pois alguns livros ainda trabalham com uma imagem da pessoa negra em condição inferiorizada e a do branco como superior. Como pontua Nascimento (2003, p. 23), resultado do processo de apagamento da imagem do/a negro/a “como ator no palco do mundo e da sociedade brasileira.” Isso pode fazer com que os/as estudantes negros/as se sintam constrangidos/as em ver alguém que se parece com eles/as de forma marginalizada e

estereotipada, enquanto os/as alunos/as brancos/as se sentem superior aos seus/suas colegas não brancos. Geralmente, segundo Lima (2005, p. 103):

[...] quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada. A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação social real. O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso.

Acrescenta ainda que “o problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem do tema. Geralmente, a queixa de crianças negras se sentirem constrangidas frente ao espelho de uma degradação histórica nos alerta que o mesmo mecanismo ensina para a não negra uma superioridade.” (LIMA, 2005, p. 104) A partir desse entendimento, diríamos que é preciso trabalhar os textos literários como medida de reflexão crítica de valores culturais, éticos, morais e étnicos. O/a professor/a como mediador/a do conhecimento, ao utilizar-se das narrativas literárias tem por compromisso o dever de apresentar diferentes literaturas de modo que todos/as os educandos e educandas se reconheçam em meio a diversidade étnica de forma positiva. Assim como se exalta os heróis e heroínas brancos, é preciso também exaltar a história de muitos heróis e heroínas negras, isto é, homens e mulheres negras protagonistas de muitas lutas no decorrer da história da construção e desenvolvimento da nação brasileira.

São muitos os heróis e heroínas negras, porém quase nunca mencionados em sala de aula com os devidos méritos. Muitas escolas trabalham apenas o nome de Zumbi dos Palmares, um dos grandes heróis da luta dos/as negros/as por liberdade no período escravocrata. No entanto, a história dos grandes heróis e heroínas negras não se resume apenas a Zumbi dos Palmares, tampouco esperar o mês de novembro, em que se comemora o mês da consciência negra, para falar dessas lideranças que fizeram história na luta do povo negro no Brasil (ARAÚJO; MORAIS, 2014). Precisamos trazer para a visibilidade nomes como Dandara, Carolina de Jesus, Tereza de Benguela, Laudelina de Campos, Luisa Mahim, Francisco José do Nascimento, mais conhecido como Dragão do Mar, José Luiz Napoleão, entre tantos outros nomes esquecidos na história. Homens e mulheres que precisam ser lembrados e rememorados de forma que as crianças conheçam a existências de pessoas negras importantes na história do Brasil, que podem servir de referências na construção da identidade negra positivada.

Em relação a contribuição da literatura infantil afro-brasileira no processo de ensino, aprendizagem e socialização das crianças na Educação Infantil, compartilhamos do pensamento de Barreiros (2010, p. 5) ao ressaltar que:

Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade.

Assim, proporcionar as crianças acesso a literatura afro-brasileira configura-se como de grande importância para que as crianças pequenas mergulhem no mundo das histórias e do faz de conta, se reconheçam e compreendam a diversidade étnica e as diferentes presenças presentes ao seu redor. Quanto mais lúdico for o espaço escolar melhor a compreensão das crianças acerca do conteúdo trabalhado, daí a importância do/a professor/a propiciar a elas um ambiente prazeroso que contemple, estimule e incentive o respeito e a valorização da diversidade e das diferenças. Para Coelho (2000, p. 16):

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição.

No caso das literaturas africanas e afro-brasileira, durante muito tempo, passadas de forma oral. Hoje, no entanto, já se encontra disponível um considerável número de materiais escritos versando sobre a história e as culturas africanas e afro-brasileira, logo o discurso de que há pouca literatura não se justifica.

Acreditamos que ao se inserir conteúdos literários que abordam sobre as culturas africanas e afro-brasileira no currículo escolar e no cotidiano da sala de aula, valorizando a contribuição dos povos negros na formação da nação brasileira, novas perspectivas e mudanças de comportamentos serão vislumbrados e, com isso, maior valorização da diversidade do povo brasileiro e da humanidade. Nessa direção, Araújo e Moraes (2014, p. 03) ressaltam que:

A Literatura Afro-Brasileira, se usada de forma comprometida, tendo como princípio básico a desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, arrigados no seio da sociedade brasileira desde que os primeiros africanos foram tirados das suas terras de origem, no continente africano, e para cá trazidos à força e escravizados, pode ser uma grande aliada no despertar da subjetividade infantil; na formação da identidade étnico-

racial; na valorização da cultura negra e de combate ao racismo, que desde a mais tenra idade já começam a ser reproduzido por meios de comportamentos e atitudes racistas, geralmente, vistos pelos profissionais que atuam na escola como brincadeiras inocentes.

Brincadeiras inocentes que marca negativamente a história de vida da criança negra, consequentemente influenciando para que apresente uma baixa autoestima e negação de sua identidade, sua origem e sua ancestralidade. Daí a necessidade da aplicabilidade da Lei 10.639/03 no cotidiano da sala de aula, desde a Educação Infantil ao Ensino Superior.

Desconstruir a visão estereotipada sobre as pessoas negras nos materiais e práticas pedagógicas de muitos/as professores/as tem sido, nas últimas décadas, uma frente de ação do Movimento Negro brasileiro, intelectuais negros/as e outros agentes sociais comprometidos com a agenda antirracista no Brasil. Uma tarefa difícil, uma vez que existe resistência tanto por parte da escola e dos/as partícipes da ação educativa, como de parte de muitas pessoas em reconhecer a importância da história e culturas africanas e afro-brasileira para a formação e desenvolvimento da nação brasileira, principalmente quando se trata de aspectos socioeconômicos, culturais e religiosos.

A respeito da literatura afro-brasileira, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana orientam que é dever das escolas estabelecer o incentivo à leitura da referida literatura desde a Educação Infantil, promovendo uma ação pedagógica numa perspectiva multicultural e antirracista (BRASIL, 2004). Para tanto, a escola e os/as professores/as precisam estarem atentos ao uso de todo e qualquer material didático que venha de forma estereotipada, preconceituosa e/ou discriminatória inferiorizar, marginalizar e/ou excluir grupos/sujeitos historicamente oprimidos e marginalizados na sociedade ou qualquer que seja a diferença. Como observa Borsa (2007, p, 02):

É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se as expectativas, bem como as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades.

Diante desta afirmação, é urgente a participação ativa da escola e dos partícipes da ação educativa no combate ao racismo, desde a educação infantil. É preciso compreender que as crianças ao chegarem à primeira etapa da Educação Básica entram em contato com um contexto

escolar rico em possibilidades, que na maioria das vezes é o início das relações sociais fora do ambiente familiar. No cotidiano escolar fazem suas associações com base em sua leitura de mundo de acordo com as particularidades de suas experiências de vida (SOUSA, 2018).

A percepção da criança acerca da contação de história no espaço escolar

As crianças interlocutoras com a pesquisa ao serem questionadas se elas gostam de ouvir história, todas disseram que sim e que a história que mais gostava era: “Chapeuzinho vermelho”, “Era uma vez uma bruxa”, “A Bela e a Fera”, “Os Três Porquinhos”, “Moranguinho e a Sereia”, “O sapato do Rei”, “Cada um do seu jeito”. Como podemos ver, todas referentes aos clássicos europeus. No entanto, quando questionadas se gostam de ouvir história de personagens heróis negros e negras, todas disseram que sim, segundo elas: “Porque tem heróis e vilões”, “É a mesma cor que eu”, “Por que é muito legal”, “É bem legal, bonita e alegre”, “Por que são iguais a mim”, “Porque eu me identifico”, ou seja, se sentem representadas de forma positiva. Diante as respostas das crianças, compreendemos e compartilhamos o pensamento de Machado (2002, p. 02) ao observar que:

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na grande história da vida.

Não podemos esquecer que a criança é multiplicadora do que ela aprende na escola e fora dela. Ao aprender algo, seja positivo ou negativo, ela reproduz no meio social onde está inserida. Quantas vezes ouvimos a criança dizer para um adulto ou para outra criança que tal assunto não é da forma como está sendo contado. Falas do tipo: não é assim, não, a professora disse que o correto é de tal forma. Quantas vezes presenciamos um adulto ficar desconcertado diante da correção de uma criança. Se a ensinamos algo, irá reproduzir como aprendeu e o/a professor/a leva vantagem nesse sentido, pois, a palavra dele/a tem maior peso para a criança. Portanto, tem grande responsabilidade com o que ensina e como ensina.

Como nos chama a atenção Araújo (2011), somos herdeiros de uma estrutura social racializada, em que desde a mais tenra idade nos é inculcada uma gama de crenças, valores e estereótipos negativos que inferioriza e marginaliza as pessoas negras. Como também silencia, oculta e nega saberes milenares dos diferentes povos africanos que ajudaram a construir e

desenvolver a nação brasileira. Assim, como pontua o referido autor, se não forem desconstruídos seguirão sendo reproduzidos pelas gerações seguintes.

As crianças ao serem questionadas se a professora conta história de personagens heróis negros e negras, cinco disseram que sim e quatro que não. As que disseram que sim, citaram as seguintes histórias: “Menina bonita do laço de fita”, “Cabelo de Lelê”. Como já foi dito anteriormente, mesmo existindo uma variedade expressiva de literatura infantil afro-brasileira, não há uma variedade na literatura negra utilizada pelas professoras, são sempre as mesmas histórias. É preciso ampliar o repertório, o que não falta é literatura versando sobre a história e culturas africanas e afro-brasileira.

Ao serem questionadas se gostariam que em todas as histórias existissem crianças negras, todas disseram que sim. Nessa direção, ao serem questionadas como se sentiriam se visse um personagem igual a ela em uma história de princesas ou heróis negros e negras, disseram: “Eu ia ficar feliz”, “Iria gostar”, “Feliz”, “Eu ia adorar”, “É legal”, “Uma princesa”, “Uma sereia com caldas”. Todas demonstraram alegria e contentamento, afinal qual criança não gostaria de se sentir fazendo parte de uma história, de um conto cheio de magias e mistérios?

Sobre se elas se lembram de algum desenho que tem personagem negra, quatro disseram que sim e cinco que não. As que disseram que sim, citaram os seguintes personagens/desenhos: “Moana”, “Doze anos para sempre”, “Pata de Chiquititas”. No entanto, grande parte das/os profissionais que atuam na educação infantil não estão atentos com o que as crianças assistem na televisão e na web. Uma falha grande, pois se pretendemos promover uma educação multicultural e antirracista precisamos conhecer o contexto sociocultural em que o/a estudante está inserido/a. Em relação aos desenhos animados, como ressaltam Pinto e Quintiliano (2012, p. 49), “a preocupação com o público infantil não equivale à garantia de que a representação da diversidade étnico-racial do país seja contemplada nos desenhos animados de origem nacional e estrangeira.” Um discurso que precisa ser problematizado, de modo a intervir nesse contexto.

Ao serem questionadas se já sentiu vergonha da cor da sua pele, apenas uma criança disse que sim, mas não soube explicar o motivo, as demais responderam que não tem vergonha, pois segundo elas: “Eu sou negra, não tenho vergonha”, “Porque eu sou linda”, “Por que eu gosto de ser pretinha”, “Porque gosto da minha cor”. As respostas evidenciam uma autoestima elevada e a construção da identidade negra positivada. No entanto, nos questionamos, será que todas as crianças negras pensam assim? Tem a autoestima elevada?

Em relação se a escola onde estuda fala sobre pessoas negras e pessoas indígenas, cinco disseram que sim, uma que não e três responderam que às vezes. Mesmo a maioria respondendo que sim, sabemos que não é uma prática diária as escolas trabalhar com a temática da diversidade étnica, são contadas as histórias esporadicamente em datas comemorativas, como dia do índio, dia do folclore e 20 de novembro, em que é comemorado o dia nacional da consciência negra. Como nos chama a atenção Araújo (2011, p. 02):

[...] na maioria das instituições de educação infantil não existe uma preocupação em se trabalhar com a diversidade de modo que a criança se sinta fazendo parte desta, e quando há, os professores utilizam-se do senso comum e não dos conhecimentos científicos, e, na maioria das vezes, de forma equivocada, contribuindo para a manutenção de equívocos e preconceitos históricos.

Acrescenta ainda que, enquanto espaço em que a diversidade deveria ser vista, contemplada, respeitada e valorizada em todos os seus aspectos – étnico-racial, cultural, religioso, geracional, gênero, entre outros –, a escola, não é diferente dos demais espaços sociais, “discrimina, exclui, nega e, na maioria das vezes, acaba com os sonhos de muitos que frequentam o seu ambiente.” (ARAÚJO, 2011, p. 02) Mesmo existindo leis e diretrizes curriculares que orientam na promoção de uma educação antirracista e multicultural, a instituição escolar ainda não se libertou das amarras que a prede a uma educação monocultural e reprodutora de pensamentos e de atitudes preconceituosas e discriminatórias para como os grupos sociais historicamente marginalizados.

O olhar das professoras da educação infantil sobre o contar história

As professoras, por sua vez, ao serem questionadas se trabalham a lei 10.639/03 na sala de aula, 12 disseram que sim e apenas uma disse que não. As que responderam que sim disseram: apenas próximo as datas comemorativas; minis projetos realizado uma ou duas vezes durante o ano; bastante frequência durante todo o ano letivo; mensalmente; sempre que possível; periodicamente. Diante destas respostas, percebe-se que a maioria trabalha com uma certa frequência, mas de forma esporádica. No caso da história e culturas africanas e afro-brasileira com maior frequência no mês de novembro.

Sobre se o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola onde trabalha apresenta diretrizes para o ensino da história e culturas africanas e afro-brasileira, nove disseram que sim

e quatro que não. Com base nas respostas, acredita-se que a maioria das escolas trazem a temática no PPP. Levando em consideração que esta pesquisa foi realizada em Salvador, cidade mais negra do país, é preocupante saber que ainda existem instituições de ensino que não apresenta tais diretrizes no PPP. Como pontuam Araújo e Giugliani (2014, p. 04):

Quando se analisa de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita em grande parte das instituições escolares, inclusive em regiões onde a população negra ou indígena constitui maioria, chama fortemente atenção a arrasadora presença da cultura hegemônica.

É urgente que a escola e os/as professores/as desenvolva uma ação educativa condizente com a realidade social, étnica, cultural e econômica dos/as estudantes que frequentam o seu espaço. Uma ação educativa que contemple a diversidade, respeita e valoriza os/as educandos/as em sua forma de ser e estar no mundo.

Em relação a literatura infantil, ao serem questionadas se escola onde trabalha dispõe de literatura africana e afro-brasileira, nove disseram que sim e quatro que não. As que disseram que sim, citaram as seguintes literaturas: “Menina Bonita do Laço de Fita”, “O Menino de Todas as Cores”, “Os Cabelos de Lelê”, “Kiriku”, “As Tranças de Bintou”, “Bruna e a Galinha d’Angola”, “Bucala”, “A Princesa do Quilombo”, “O Menino Marrom e o Amor de Cabelo”, “Minha Mãe é Negra Sim!”, “Pretinho”, “Pretinha Eu”, “Luana”, “Bia na África”, “A África Recontada para Crianças”, “Omo-oba História de Princesas”, “O Cabelo de Cora”, “Que Cor é a Minha Cor?”, “Meu Crespo é de Rainha”, “Obax”, “Meu Pé de Manga”, “Abayomi”, “Amoras”, “O Pequeno Príncipe Preto”. Como podemos perceber, um grande leque de opções. No entanto, ao serem questionadas se trabalham com literaturas africanas e afro-brasileira na sala de aula, onze disseram que sim e duas que não. As que responderam que sim, disseram trabalhar apenas em datas específicas, cotidianamente, semanalmente, sempre que possível, poucas vezes. Percebe-se que infelizmente ainda não são literaturas trabalhadas no dia a dia das crianças, muitas vezes utilizadas de forma superficial. A esse respeito, Araújo e Giugliani (2014, p. 07) são taxativos ao afirmar que:

[...] a história e a cultura dos grupos étnico-raciais historicamente estigmatizados, continuam reduzidas a atividades e/ou unidades isoladas, a exemplo das datas comemorativas, as quais se as analisarmos veremos que se trata de atividades que se propõem a algo a-histórico, estereotipado e até mesmo deformado sob a perspectiva da descontinuidade.

Sobre qual/is o/s conto/s africano/s e ou afro-brasileiros preferido/s dos/as estudantes, disseram: “Menina Bonita do Laço de Fita”, “Os Cabelos de Lelê”, “Kiriku”, “As Tranças de Bintou”, “Bruna e a Galinha d’Angola”, “Bucala”, “A Princesa do Quilombo”. Podemos perceber que ainda, diante da quantidade de livros de literatura afro-brasileira disponíveis, inclusive na internet, são poucas as obras sinalizadas pelas professoras. É preciso diversificar e oferecer obras mais recentes e que sejam o mais próximo possível da realidade das crianças. Observamos que os dois primeiros livros citados pelas professoras, Menina Bonita do Laço de Fita e Os Cabelos de Lelê, foram também os mais lembrados pelas crianças, porém não os preferidos, elas preferem os clássicos da literatura europeia. Além disso, nos chamou atenção o fato de que as obras mais citadas foram escritas por pessoas não negras e isso interfere no olhar e lugar de fala das pessoas negras. No entanto, consideramos que tem uma real importância e representatividade para as crianças negras.

Quanto se elas acham importante se trabalhar as literaturas africanas e afro-brasileira na Educação Infantil, 12 disseram que sim e apenas uma que não e não justificou por que não. As que disseram que sim, justificaram suas respostas da seguinte forma:

Vivemos em um País de predominância negra e as crianças negras precisam se sentir representadas de acordo a nossa realidade.

As crianças têm que ouvir histórias relacionadas a sua origem/identidade.

Torna-los mais conscientes.

Por que proporcionar nas crianças o desenvolvimento emocional, cognitivo e social tornando um adulto mais seguro e responsáveis pelas suas ações.

Nesta fase tão importante é necessário construir uma imagem positiva e fortalecer a autoestima das crianças que em muitos casos só vive esta experiência na escola.

Na minha classe eu procuro fazer com que as crianças conheçam um pouco sobre a cultura africana através das histórias, cantigas brincadeiras. E que valorizem essa cultura tão rica. Instigando a curiosidade dos alunos na busca de conhecimentos. Compreendendo a influência da África no Brasil.”

Precisamos conhecer mais de nossas raízes para aprendermos e principalmente respeitar as diferenças.

Para os alunos aprender a conhecer as nossas raízes.

Precisamos fortalecer a importância da nossa ancestralidade na construção da identidade do povo brasileiro.

Vivemos em um País cheio de diversidade, predominantemente com negros e afrodescendentes. É importante a referência, se reconhecer e se perceber dentro da História.

Porque a sociedade brasileira possui uma diversidade cultural, que deve ser respeitada e valorizada dentro dos espaços escolares, e assim construir uma sociedade consciente e de igualdade racial.

Pois assim, estamos quebrando o preconceito desde cedo.

As justificativas positivas são plausíveis, pois de fatos as professoras têm pensado na construção coletiva de alunos e alunas enquanto cidadãos e cidadãs que fazem parte da sociedade, valorizando sua história, a sua ancestralidade, assim como a diversidade étnica.

Em relação, se é discutido antecipadamente com a coordenação pedagógica quais literaturas serão trabalhadas durante o ano letivo, nove disseram que sim e quatro que não. É de extrema importância o planejamento do que será apresentado as crianças em sala de aula. Contudo, a quantidade de profissionais que não tem essa preocupação, embora seja uma minoria, podem causar um impacto drástico na vida dos/as estudantes.

Sobre se elas costumam ler antecipadamente a história antes de ler para seus alunos/as, 12 disseram que sim e uma que não. A maioria das docentes, como podemos ver, se preocupam em fazer uma leitura previa sobre o material que será apresentado para as crianças, evitando desta forma experiências negativas que venham causar danos psíquicos e emocionais na vida de meninos e meninas, assim acreditamos. Porém, mesmo sendo uma única professora que respondeu não ler antecipadamente, é preocupante, necessário atentar-se para uma mudança imediata desta atitude, pois imaginem um/a único docente tem contato com mais ou menos 15 crianças, e se desenvolve sua prática educativa de forma não planejada, certamente impactará negativamente na vida de muitas delas.

Questionadas se existem imagens de pessoas ou personagens negros/as no mural da escola e/ou da sua sala de aula, 9 disseram que sim e quatro que não. Percebe-se que as mudanças vêm acontecendo, pois conforme as respostas da maioria ser positivas é perceptível que muitas escolas já estão pensando e de fato levando a representatividade afirmativa para dentro dos muros escolares. As crianças precisam se sentir parte do espaço em que elas vivem. As escolas que ainda não pensam sobre o assunto precisam repensar urgentemente.

Buscamos saber ainda se as professoras frequentam alguma religião, 12 disseram que sim e uma que não. As que responderam que sim, duas disseram ser do Candomblé, quatro Católicas, quatro Evangélicas e duas Espiritas. Nessa direção, questionamos se na opinião delas a questão do pertencimento religioso do/a professor/a influencia na hora dele/a trabalhar a

temática africana e afro-brasileira na sala de aula, sete disseram que sim, três que não e três que as vezes. Justificaram as suas respostas da seguinte forma:

Já trabalhei com evangélicos que não cantava por exemplo a música dos parabéns que não fosse a do “crente”.

Porque se o professor tiver uma ideologia, bom trabalho para algum tipo de religião ele pode influenciar a criança, porém sabemos que não devemos fazer isso.

Porque a influência religiosa afeta o julgamento do professor.

Depende do posicionamento de cada um, porque não devemos alienar nossos alunos e sim mediar na importância de conhecer a sua história, a cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Infelizmente muitos não conhecem a sua própria história e nem vive espiritualmente equilibrado e acabam impondo as suas crenças religiosas nas salas de aula.

Infelizmente a falta de conhecimento, o preconceito e a intolerância religiosa podem influenciar de forma negativa quando esses assuntos são trabalhados.

Depende do professor, cor da pele não define religião.

Se souber fazer a separação, nada influência.

Muitos querem inculcar a sua identidade nos outros. Eu entendo e valorizo a trajetória do povo negro e busco entender que a religião é uma escolha e que merece ser respeitada.

Vivemos em um País Laico. Ou seja, isso não deve ser colocado em questão. O professor deve ser profissional e imparcial. Dar referências, mas não influenciar.

Talvez, cada pessoa eu sou evangélica acho importante falar a temática Africana na sala de aula.

Porque, devemos passar para as crianças uma valorização pessoal e de se sentir um ser pertencente na sociedade independente de religião ou etnia racial.

Pois, tem muitos professores que não trabalham por conta da religião... racismo estruturado.

A maioria das professoras acredita que a religião do/a professor/a pode sim influenciar em prática no que se refere a temática africana e afro-brasileira. Uma situação muito preocupante, pois todos sabem que o Brasil é um país laico, mas infelizmente o racismo estrutural deixa as pessoas cegas e quando se fala de povo negro e África já fazem a ligação com as religiões de matrizes africanas – Candomblé, Umbanda e outras. Daí se estabelece o preconceito e a intolerância religiosa, assuntos que precisam ser discutidos nas escolas pensando no respeito as diversidades. Posto que, como nos chama a atenção Gomes

e Jesus (2013, p. 31), “algumas práticas pedagógicas desenvolvidas pelas escolas revelaram-se pautadas por interpretações dogmáticas de cunho religioso, demonstrando a presença da intolerância religiosa.” O fundamentalismo religioso por parte de cristão e cristãs protestantes tem sido algo que os/as ativistas negros/as brasileiros/as, principalmente os/as ativistas/educadores/as negros/as baianos/as, tem chamado a atenção, principalmente no espaço escolar que deveria ser laico.

Nós temos alguns obstáculos que têm se imposto, por exemplo essa coisa do fundamentalismo religioso por parte de setores evangélicos e protestantes, que tem sido cada vez mais consolidado dentro das escolas, através das famílias dos alunos, através de muitos professores e funcionários e através dos próprios alunos; isso tem dificultado muito, inclusive feito uma demonização do tema história da cultura africana e afro-brasileira. (LINDINALVA BARBOSA, 2012, apud ARAÚJO, 2015, p. 225)

Para os evangélicos, tudo o que se diz, se fala do negro, eles dizem que é coisa do demônio. A implantação é a maior dificuldade, por causa dos grupos evangélicos; eles acham que qualquer coisa que fala da África é falar de Satanás, é falar do Demônio, que dar aula de cultura negra é falar de candomblé – e isso é o maior equívoco. Muitos gestores são evangélicos e não aceitam. Tem muitos trabalhos que não estão sendo feitos nas escolas, por causa dos gestores e dos educadores. A gente tem lutado com muita dificuldade para fazer valer a lei, muita dificuldade mesmo. (VALDINA PINTO, 2012, apud ARAÚJO, 2015, p. 226)

Ante tal realidade, compreendemos e compartilhamos o pensamento de que a questão religiosa se configura em um grande entrave em se trabalhar a história e culturas africanas e afro-brasileira no cotidiano das instituições de ensino brasileiras. Enviesadas pelos aspectos religiosos, compreende-se que não há diálogo cultural de matrizes africanas desvencilhado da religião, e isso, gera distanciamento e intolerância por parte dos partícipes da ação educativa – gestores/as, coordenadores/as pedagógicos/as, professores/as, alunos/as, familiares e funcionários/as das unidades escolares, fundamentalistas cristãos e cristãs aversos as religiões de matrizes africanas. Tal postura influencia no comportamento dos/as sujeitos que compõem a comunidade escolar e, por conseguinte, em outros espaços de convívio social por eles/as frequentados (SANTOS, 2012; ARAÚJO, 2015).

Literaturas infantil que versam sobre a história e culturas africanas e afro-brasileira

Diante de tudo que foi apresentado, podemos dizer que a literatura infantil afro-brasileira pode ser utilizada como ferramenta potencializadora do respeito e valorização da

diversidade, em que meninos e meninas que nunca se sentiram representados/as nos clássicos literários ou quando representados/as de forma estereotipada, subserviente, se sintam contemplados/as, respeitados/as e valorizados/as em sua cultura e pertencimento étnico. A esse respeito, Sousa e Sousa (2017, p. 844) pontuam que:

A literatura infantil, por muito tempo, voltou-se para a difusão dos clássicos europeus: “A Cinderela”, “A Branca de Neve” e “Chapeuzinho Vermelho”. A perspectiva da cultura negra, tradicionalmente, acontecia em momentos isolados ou de forma pouco representativa.

Atualmente, a literatura afro-brasileira vem ganhando espaço para contar as histórias sobre as culturas dos povos negros, que a longo da história têm sido postos as margens da sociedade. Oportuniza, assim, a representatividade, diversidade e a construção positivada da identidade do sujeito e traz para a visibilidade histórias de um grande contingente de pessoas negras que foram escravizadas, oprimidas e marginalizadas e, ao longo da história, têm se movimentado na luta incessante por liberdade, igualdade, dignidade e respeito. Logo, como ressaltam Araújo e Moraes (2014, p. 10):

Se, realmente, pensamos mudar o caráter eurocêntrico e monocultural da educação brasileira, precisamos contemplar no currículo escolar a diversidade étnico-racial e cultural brasileira e da humanidade, e desenvolver abordagens didáticas/pedagógicas nesta perspectiva, desde a educação infantil ao nível superior, isto é, em todos os níveis e modalidades de ensino.

Por essa ótica, as diversidades e as diferenças precisam ser trabalhadas nas escolas de modo a contribuir com o processo de socialização, formação cidadã e aprendizagem dos/as estudantes e não como fator de segregação, inferiorização de uns e valorização de outros. Embora muitas pessoas e profissionais da educação desconheça, existem um número expressivo de literaturas que versam sobre a história e culturas dos povos africanos e dos/as afro-brasileiros/as. Contudo, o que se percebe é que, quase sempre, as instituições de ensino adotam os mesmos títulos, a exemplo de “Os Cabelos de Lelé” e “A menina Bonita do Laço de Fita”, sem oportunizar que novos títulos também possam ser apresentados aos pequenos leitores/as.

Quadro1: Literaturas infanto-juvenil afro-brasileira

TÍTULO	ANO	AUTORA/A	RESUMO DA OBRA
Meu Crespo É de Rainha,	1999	Bell Hooks	Poema rimado que retrata a beleza e as infinitas possibilidades de penteados do cabelo crespo.
O menino Nito	1995	Sonia Rosa	Falar de machismo e masculinidade tóxica, inteligência e educação emocional.

Meninas negras	2010	Madu Costa	Trabalha a identidade afrodescendente na imaginação infantil, a partir de uma composição sensível, de textos curtos e poéticos, associados a belas ilustrações.
Um menino coração de tambor	2013	Nilma Lino Gomes	Conta a história de um menino que tem ritmo, música, movimento e arte correndo nas veias e pulsando em sua vida.
Amoras	2016	Emicida	Retrata a beleza da pele preta, linda como uma amora, de forma poética, com simplicidade e nos mínimos detalhes.
Bucala: A pequena princesa do quilombo do cabula	2016	Davi Nunes	Retrata o cabelo crespo como a coroa de uma rainha, pois assim era Bucala, uma rainha que tinha poderes, magias e protegia o quilombo.
As Tranças de Minha Mãe	2018	Ana Fátima e Quézia Silveira	Uma história que abre caminhos para o leitor viajar para um universo inserido em significações e afirmação identitária.
Calu: uma menina cheia de histórias	2018	Cássia Valle e Luciana Palmeira	Conta a história de uma menina negra que procura uma forma de transformar o bairro em que mora em um museu a céu aberto.
Sulwe	2019	Lupita Nyong'o	Conta a história de sofrimento de Sulwe por não ser aceita por conta da cor da sua pele, sofria bullying dos colegas e tudo isso afetava o psicológico dela.
Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser	2019	Lázaro Ramos	Mostra a importância de se valorizar a nossa ancestralidade e conhecer nossos sentimentos.
O Pequeno Príncipe Preto	2020	Rodrigo França	Narrativa que fala de carinho e afeto e da importância de valorizarmos quem somos, de onde viemos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As literaturas citadas no quadro acima são algumas de muitas obras que não deveriam faltar nas bibliotecas das escolas e/ou salas de aula. As narrativas dessas obras têm muito a contribuir na construção da identidade do sujeito, socialização, relações afetuosas; para o empoderamento dos alunos e alunas, aumento da autoestima; para a formação de pessoas antirracistas, combate ao racismo, intolerância religiosa, machismo e masculinidade tóxica, sexismo, bullying; para valorização da ancestralidade, da beleza negra, da arte e da dança afro; assim como para o respeito e valorização das diversidades e diferenças.

Araújo e Morais (2014, p. 15) ressaltam que a literatura infantil, “quando usada na perspectiva multicultural e antirracista, poderoso instrumento de desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, de combate ao racismo e à discriminação racial, sexual, religiosa, de gênero, e outras.” A partir desse entendimento, pode-se inferir que trabalhar essas temáticas no ambiente escolar é uma ação educativa importante para a construção social e identitária do sujeito, considerando-se que na escola se encontram e interagem grupos e pessoas que pensam diferente umas das outras, convivem com realidades diferentes e que, muitas vezes, suas construções já são carregadas de preconceitos e indiferenças para com o outro. Sobre as construções e diferenças, Munanga (2012, p.04) observa que:

As construções racistas, machistas, classistas e tantas outras não teriam outro embasamento material, a não ser as diferenças e as relações diferenciais entre seres e grupos humanos. As diferenças unem e desunem; são fontes de conflitos e de manipulações sócio-econômicas e político-ideológicas. Quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que constituem o ponto de partida para a construção de estereótipos e preconceitos diversos.

Assim sendo, os/as educadores/as precisam estar atentos/as a estas construções muitas vezes reproduzidas e reforçadas no ambiente escolar. Como pontua Lopes (2005, p.186):

Um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial e pluri-étnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária.

Nesse sentido, o/a professor/a tem um papel social importantíssimo na promoção de uma educação multicultural e antirracista. Para tanto, precisa ao planejar sua ação pedagógica levar em consideração a representatividade e a diversidade étnica de modo a contemplar todas e todos os envolvidos com o processo educativo.

Muitos autores/as de contos infantis usam os cabelos das meninas como temática nas suas narrativas e isso se dá porque infelizmente o cabelo crespo, depois da cor da pele, é a parte do corpo preto que mais é rejeitada e ridicularizada por mentes racistas. Muitas meninas e até meninos ainda sofrem por não aceitar e não ser aceito a textura do cabelo. Por conta do preconceito muitos desconhecem e rejeitam a beleza do cabelo crespo. Por isso, muitos autores/as escrevem a partir desse elemento, visando empoderar e mostrar que o cabelo crespo, ao contrário do que muitos racistas dizem, não é “ruim”. A sua textura faz dele diferente de outros tipos de cabelo. Como observam Mariosa e Reis (2011, p. 51):

A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação. A imagem da África também precisa ser revista. A ideia predominante de que o continente africano é um país e que, de um lado, estão as selvas e do outro os negros doentes e famintos, obviamente, elimina a possibilidade das crianças afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

Sendo assim, a representatividade tem uma grande importância na construção da identidade e contribui na autoestima das crianças de maneira positiva e significativa. Nesse sentido, as obras citadas no quadro 1 têm grande potencial para contribuir na desconstrução de mentalidades racistas e na promoção de uma educação multicultural e antirracista.

O livro *Amora* aborda temas de grande relevância na construção de uma identidade negra positivada e na desconstrução de mentes colonizadas, pois traz com detalhes a beleza negra, diversidade cultural e religiosa, assim como personagens históricos. Emicida, de forma poética, singela e empoderada, descreve a beleza da pele preta comparando-a a beleza de uma amora, assim como traz Deus em diferentes concepções religiosas e nomes a ele atribuído, como Alá e Obatalá. Refere-se a líderes negros, como Martin Luther King, Zumbi dos Palmares, de grande importância na luta antirracista. Logo, uma obra de grande valia para ser apresentada aos pequenos/as leitores/as em sala de aula, pois com ela pode-se trabalhar identidade, representatividade, diversidade cultural e religiosa.

É importante trabalhar com as crianças fatos históricos, para manter viva a luta do povo preto que também contribuiu para a formação da nação brasileira. Assim, o livro *Bucala a Pequena Princesa do Quilombo Cabula*, que resgata a história de um povo e seus descendentes, que ainda habitam o referido quilombo, pode ser trabalhado para o empoderamento, sentimento de pertencimento, socialização, construção identitária e autoestima da criança negra. Ideal também para trabalhar a preservação dos ritos e costumes dos mais velhos e muitas palavras de origem africana que até hoje fazem parte do vocabulário brasileiro.

O livro *Calu: uma menina cheia de histórias*, é outra obra importante para trabalhar com as crianças fatos históricos. Trata-se de uma história que se passa em uma Ilha chamada Boca do Rio. Calu é uma pequena contadora de história, envolvida nos relatos de seu avô Pedro. Ela usa da sua imaginação e criatividade para criar um Museu a céu aberto em sua comunidade para contar as histórias de seu povo. Assim, resgata e enaltece a importância dos saberes das pessoas mais velhas. Na narrativa está explícito a influência africana, de que os nossos familiares mais antigos contêm uma grande experiência que norteia os mais novos, que na atualidade não se vivencia cotidianamente. Mostra que no passado os fatos históricos eram transmitidos pelas pessoas mais velhas de forma oral, mas com o passar do tempo houve-se a importância de registrar, documentar esses momentos, colocando em um espaço onde todas as pessoas possam ter acesso, o museu. Retrata o místico e a imaginação fértil das crianças, de grande importância para sua formação intelectual e pessoal.

Na questão estética, desde os primeiros anos de vida as crianças já são rotuladas a um padrão de beleza, seja por imposições alheias ou através dos desenhos que são transmitidos nos canais de comunicação e, na maioria das vezes, até nas bonecas. Quando assuntos como esses são abordados em sala de aula, é possível realizar um trabalho de empoderamento, autoestima,

autoconhecimento, aceitação e ensinar as crianças não negras o respeito pelo diferente. Momento oportuno para ensinar que aceitar o nosso cabelo, como ele é, e usar de acordo com os nossos desejos e não como é ditado pelo pensamento eurocêntrico. Muitos/as professores/as já presenciaram na sala de aula alguma criança com o seu cabelo alisado passando pela tortura da química (uma violência física que quebra o cabelo, queima o couro cabeludo, e que não são adequados para crianças). Uma agressão ao corpo que, cada vez mais cedo, está fazendo parte da infância de muitas crianças brasileiras.

O livro *Meu Crespo é de Rainha* apresenta várias possibilidades de penteados do cabelo crespo. Aborda um assunto muito pertinente, principalmente nas vidas das meninas que tem cabelos crespos. Levando em consideração que o maior alvo para os/as racistas é justamente o cabelo crespo, que muitas vezes há também uma segregação capilar, com adjetivos depreciativos, trabalhar essa obra em sala de aula é possível desconstruir mito a respeito do cabelo crespo, que é hoje a referência de beleza para muitas mulheres pretas.

O livro *O Menino Nito*, por sua vez, é uma obra de grande importância para questões urgentes e necessárias de serem trabalhadas em sala de aula, a exemplo do machismo e masculinidade tóxica. É uma história comovente que envolve a família e a formação machista, pois conta a história de um menino que ficou triste e depressivo por não poder expressar o seu sentimento de tristeza, de frustração através do choro, levando-o ao desânimo para realizar suas atividades diárias, ficando em seu quarto isolado, infeliz. Explana muito bem o ato de chorar, que não podemos ocultar os nossos sentimentos, temos que senti-los e colocá-los para fora, para não adoecermos. Explica que devemos ter uma razão para chorar, temos que ter um controle emocional, sem distinção de gênero, que os sentimentos não têm uma categoria, são para todas as pessoas, tanto para as meninas quanto para os meninos. Trabalhar essa obra tem a possibilidade de desmistificar que homens não podem chorar, porque são machos e macho não chora. É uma oportunidade de falar com as crianças sobre afetividade.

Ninguém nasce racista, aprende a ser racista, já dizia Nelson Mandela. A escola enquanto espaço de formação tem por obrigação a desconstrução de pensamentos, atitudes e práticas racistas. Nesse sentido, a obra *Sulwe* é uma literatura que apresenta um material riquíssimo para ser abordado em sala de aula, pois aborda: formação de pessoas antirracistas, representatividade, diferenças, aceitar o outro sem julgamento, colorismo, bullying e a subjetividade do que é belo. É um livro que pode ser usado também para falar de saúde mental,

afeto, emoção e sentimento, um excelente material para trabalhar a temática representatividade, assunto que raramente é explanado para as crianças na escola.

Ante as premissas apresentadas no decorrer deste estudo,

É responsabilidade da escola estar atenta para a escolha do acervo de sua biblioteca, devendo optar por livros que contribuam para a formação de uma identidade positiva do negro e, simultaneamente, proporcionar aos alunos não negros o contato com a diversidade e as especificidades da cultura africana, deixando, assim, para trás, uma visão estereotipada e preconceituosa das idiossincrasias dos referenciais afrodescendentes. Aprendendo a valorizar também as contribuições dos africanos para a cultura brasileira. (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 47)

Diríamos ainda que o combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação de qualquer natureza é uma luta de toda sociedade, e a escola como espaço de construção e desconstrução, de formar cidadãos e cidadãs críticos e reflexivos, insistimos, não pode ficar de fora.

Considerações Finais

O estudo, em linhas gerais, evidenciou que as crianças ainda têm como referências literaturas eurocêntricas. Uma constatação que nos convida a refletir sobre o papel da escola e do/a professor/a na promoção de uma educação multicultural e antirracista, isto é, uma educação das e para as relações étnico-raciais, como orienta a Lei 10.639/03. É perceptível que já existe um movimento crescente que aborda em sala de aula a temática, porém ainda são poucas os/as professores/os que trabalham de maneira efetiva, pois muitos/as só intensificam a explanação do assunto em datas específicas. Uma temática que quando colocado em prática no cotidiano da sala de aula potencializa maior interesse e atratividade das crianças em explorar a aquisição do conhecimento.

Diante das problematizações aqui apresentadas, entendemos que as professoras da educação infantil precisam conhecer mais as preferências das crianças, principalmente sobre os desenhos animados que elas estão assistindo, se envolver e fazer desses desenhos pontes para o ensino aprendizagem. A maioria tem conhecimento da importância das literaturas africanas e afro-brasileira no ensino aprendizagem das crianças negras e não negras, porém, fica evidenciado que mesmo sabendo da importância não dão a atenção necessária para o tema, executando apenas em momentos comemorativos. Perdendo assim a oportunidade de

explicar com mais frequência durante o ano letivo um assunto pertinente e importante para a formação e construção dessas crianças no ambiente escolar e na vida.

Evidenciou ainda que existe uma quantidade expressiva de autores/as negros/as que estão atuantes no mundo literário infantil afro, com narrativas significativas e representativas. Dentre esses, temos o ator Lázaro Ramos e o rapper Emicida, ambos negros que através da arte e educação ascenderam socioeconomicamente e isso é representatividade para as crianças negras. Sugerimos as professoras apresentarem outras obras que não seja apenas *O Cabelo de Lelé* ou *Menina Bonita do Laço de Fita*, é preciso diversificar e inovar neste quesito.

Podemos perceber que a literatura infantil afro-brasileira é trabalhada com pouca relevância e interesse por parte expressiva das docentes e que precisam entender que não é um assunto das minorias, é a questão da maioria da população negra brasileira; que se faz necessário uma ação pedagógica que estimule a construção de uma identidade étnica positiva para todos/as estudantes; que falem sobre as suas origens, de forma que se sintam pertencentes ao meio social e acadêmico, não só enxergar as limitações que a sociedade nos condicionam e acreditar que só uma pequena parte nos é permitido. As crianças muitas vezes conseguem identificar essas limitações por vivenciar infelizmente esse contexto dentro das suas próprias casas, não almejando outros cominhos.

Enfim, levando em consideração que o Brasil é um país multicultural, plurirreligioso e multiétnico, é imprescindível que as escolas fomentem a discussão sobre as diversidades aqui existentes, a fim de formar cidadãos e cidadãs avessos as intolerâncias e a qualquer forma de discriminação e preconceito. Assim, é preciso qualificar os/as professores/as que atuam na educação infantil na inserção da literatura Afro-Brasileira, que utilize materiais e métodos que facilitem e comecem a despertar interesses desde o início sobre esse tema, para que então formem indivíduos com senso crítico e participativos, ou seja, opinar e formular ideias a respeito da sociedade em que vive.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. São Paulo: Scipicione, 1993.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida. A efetivação da Lei 10.639/03 na percepção dos militantes/professores negros baianos. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 3, p. 216-232, 2015.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida. O trato pedagógico dispensado pela escola da Educação Infantil a diversidade étnica e cultural que frequenta o seu espaço. XX EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. **Anais...** Manaus, UFMA, 2011.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; GIUGLIANI, Beatriz. Por uma educação das relações étnico-raciais. # **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. A relevância em se trabalhar a Literatura Infantil Afro-Brasileira na Educação Infantil. **Africanias.com**, n. 05, p. 1-17, 2014.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. Ressignificando a história e a cultura africana e afro-brasileira na escola. **Artifícios Revista do Difere**, v. 3, n. 6, dez. 2013.

BARREIROS, Ruth Ceccon. Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino e Linguagem UNIOESTE – Cascavel. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2010.

BORSA, Juliane Callegaro. O papel da escola no processo de socialização infantil.

BRASIL. **Lei 10.639**, de 9 de janeiro 2003. D.O.U. de 10/01/2003.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza; PINHEIRO, Cristiano Guedes. Narrativas populares: o griô e a arte de contar histórias. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 21, n. 1, p. 01-15, jan./abr. 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 47, p. 19-33, jan./mar. 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KALY, Alain Pascal. Desprestígio racial, desperdício social e branqueamento do êxito. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 126, nov. 2011.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito E Discriminação: Procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

- MACHADO, Marcela Sousa. **A arte de contar histórias na Arteterapia: Um estímulo para o desenvolvimento e criatividade infantil.** 2014, Monografia (Especialização em Arteterapia em Educação e Saúde), Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2014.
- MACHADO, Vanda. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais.** Salvador: EDUFBA-SMEC, 2002.
- MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, Londrina, Vagão, volume 8, parte A, p. 42-53, dez. 2011.
- MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor: Identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania.** Brasília: MEC, 2012.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** 2 ed. Brasília: MEC, 2005
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor: Identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2003.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães; QUINTILIANO, Rachel. Brasília é diversidade, e a TV nacional? In: ARAÚJO, Joel Zito (Org.). **O negro na TV pública.** 2. ed. Brasília: FCP, 2012. p. 43-58.
- Psicologia.Com.PT**, 2007. Disponível em:
<<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>>. Acesso em: 20 dez./2020.
- SANTANA, Patrícia Maria de Sousa. Educação Infantil. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006. p. 30-49
- SANTOS, Deyse Luciano de Jesus. **“Tá repreendido em nome de Jesus”:** religião, identidade e conflito com a implementação da Lei 10.639. Curitiba: Appris, 2012.
- SILVA, Ana Célia Silva. **A representação social do negro no livro didático,** o que reflete na nossa sociedade, a negação da identidade histórica. Salvador: EDUFBA, 2011.
- SOUSA, Abraão Vitoriano de; SOUSA, Augusto Bernardino de. Literatura infantil e questões étnico-raciais: por uma literatura afro-brasileira em sala de aula. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, n. 2, p. 844 – p.854, set. 2017.
- SOUSA, Gabriela Tavares. **A Representatividade Negra na Literatura Infantil:** dentro da sala de aula. Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – IPN. Universidade Federal de Uberlândia – (UFU). 2018.
- TAYLOR, Charles. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento.** México, Fondo de Cultura Económica, 1994.